

Nº 1

NSD/6

Dinero escrito por
Mario La Carra

Cow 12 acres

Mario de Sá Carneiro

Este livro contém artigos que
preenchem mais de duzentas paginas

Grande numero de diversas
escripções por Mario de
Sá Carneiro

Neste livro estão quasi todos ou mesmo
todos os escriptos de Mario de Sá Carneiro

Leishva 21 de janeiro.

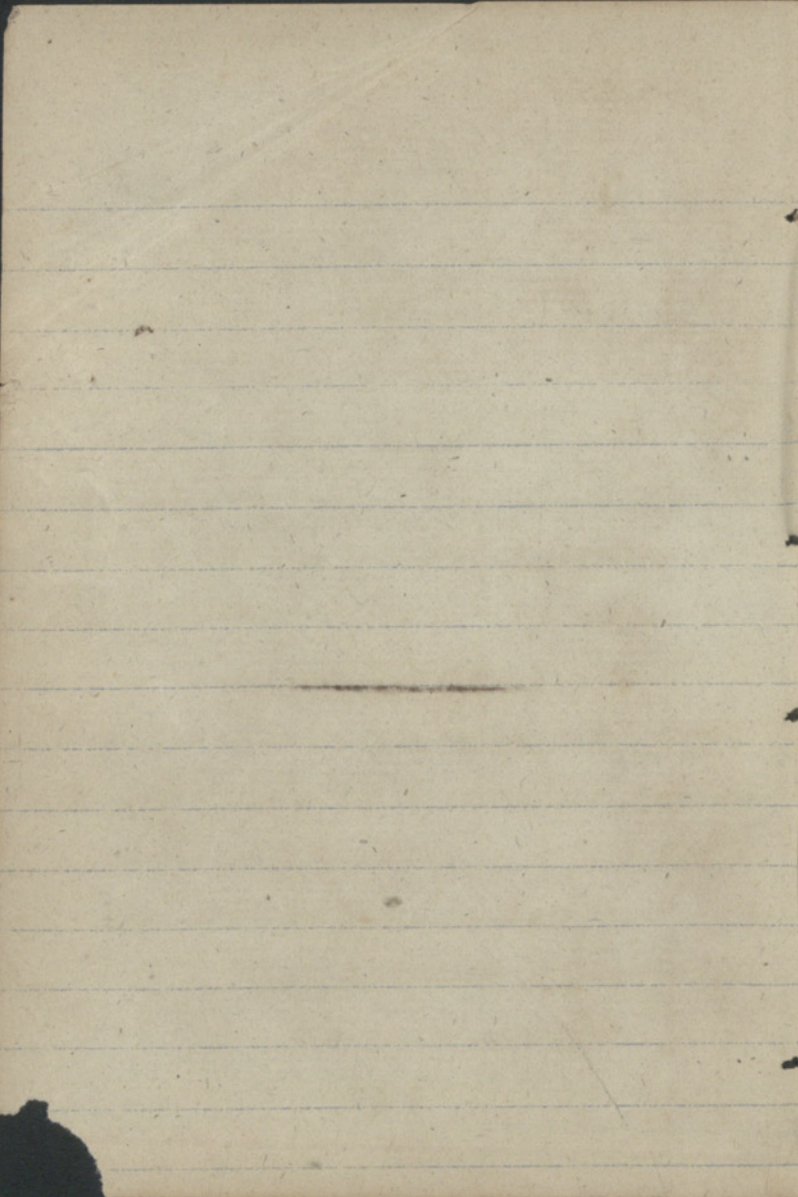
Bom Maria 29

2º directo

1902



Neste



I - Historia de D. Alvaro de Castro

I

Eu nasci em Braz-as-Montes; meus paes D. Antonio de Mello e Castro e D. Leonor de Noronha assim que eu fiz 14 annos e não de-
concordar que já não fizessem tempo, tomaram
me mestres; entre elles havia um chamado Antonio
de Mascarenhas que era o unico de quem eu
gostava pois fazia tudo que eu queria e ainda
me dava ideias peores das que eu tinha. Um bello
dia estando eu já enfastiado de todos os mestres menos
do Antonio de Mascarenhas e bem de ver roubei
uns 50 dobrões a meus paes e fui-me de viagem
com o tal Mascarenhas

II

Em quanto temos dinheiro passamos n. d'este

possivel e por isso quando chegamos a Leiria já não tinhamos mais que um grusado e por isso tivemos que valer-nos da arte de intrujar em que o Mascarenhas era muito forte. A primeira intrujisse em Leiria foi a seguinte: No dia em que chegamos a Leiria como o dinheiro que tinhamos era sufficiente para comer mas não para passar lantamente fomos dar um passeio pela villa para ver se nos lembravamos d'alguma intrujice ora indo nós por uma rua encontramos um homem e entabulemos converga com elle. Depois de muito convergar viemos ao conhecimento que elle era da mesma baia de que nós e então dissemos-lhes se elle se ia reunir comnosco pois o nome firm

era somente intrujar o Manuel Franco
 pois assim se chamava o tal homem disse-nos
 que isso mesmo e que elle queria e logo
 ficou combinado que a nossa estrei havia de ser
 em arranjar jantar de graça ficando eu en-
 carregado de arranjar as carnes o Mascarenhas o
 vinho e o Manuel Franco o pão. Depois de
 combinarmos o sitio que nos havia-mos de reunir cada
 um de nós partiu para seu lado. E degenpe-
 nhei o meu cargo da seguinte maneira:
 Passando por junto de uma igreja vi que
 estavam discutendo com um homem que
 vinha carregado de lebres, perdizes, galinha-
 las etc. o padre e o sacristão da dita igreja;
 e então accorrendo d'elles e perguntei ao padre
 porque razão era aquilo.
 E respondeu-me o padre por causa d'este

homem que nunca se confessou e esta-
mos a ver se o convencemos a ir-se confessa.
Eu então tambem principiei a ajudar o padre,
o sacrista, o romenzinho por fim lá
se decediu a ir-se confessar mas de re-
pente lembrou padre que elle não po-
dia entrar na egreja com as lebres, per-
dizes, galinholas etc. etc. eu então ofrecime
para isso e o que sei e que a minha por-
ta foi aceite mas assim que elles entraram pra-
ra a egreja eu fêz para - que - vos - quero.
O Mascarenhas portou - se animado:
Comprou dois enormes canecos que levariam
cada um um rodado de rapadura e um de agua
escondeu-o de baixo da capa e o outro ficou
à vista vazio; na primeira taberna que viu
pediu ao teherneiro que o enchesse do melhor

vinho que tivesse assim que o taberneiro
o trouxe metter também debaixo da
capa e perguntou ao taberneiro quanto era?

- Quatro patacos disse elle. Então o Antonio
de Mascarenhas disselhe é muito caro tomeo - o
lá que não o quero e fiz-lhe o caneco em cima da
meza mas não o que tinha vinho mas sim o que ti-
nha agua e deitou logo a correr. O Franco fez o
seguinte:

Vestia-se de alma do outro mundo e com
forme froude escafu-se numa pastoria sem
ninguem ver e escondeu-se a um canto quando ja
era escuro shiu do seu esconderijo e os polres dos pa-
deiro deitaram a fugir então o Manuel Franco en-
cheu um sacco de pão que tinha levado e veio-
se reunir à gente. Depois com o nosso dinheiro
manda-mos cunhar aquillo tudo por uma mu-

lher que nos levou só quatro patácos e
comemos alegrissimos.

III

Fezemos tantas entrupeças que seria impossi-
vel contedarmas uma ia-nos shindo cara
e por isso fugimos para Hespanha mas
estando nós já enfastiados de armar estorta-
gemnos resolvemos organizar uma quadrilha de
ladrões sendo eu 1.º capitão o Mascarenhas 2.º e o
Franco tenente e arranjamos para ladrões mais
6. Os roulos que nós fizemos foram enormes.

IV

Alto láto shinglo nós darvalarmos encontra
maírupa guarda e fuguei logo a casa
da pessoa dentro virbit um homem com ar
de fidalgo que nós levamos para a nossa
casa. Assim que lá chegamos eu pergun-

7
Vingança Terceira

tei-lhe como se chamava e elle disse-me que se chamava D. Antonio de Mello e Castro, a estas palavras logo estremeci por ser o nome da minha familia; tambem lhe perguntei como se chamavam os seus paes e era portuguez ou hespanhol elle entao disse-me que seu paes eram D. Alvaro de Mello e Castro e D. Leonor de Noronha que era portuguez e que era da provincia de Cray - os - Montes. Entao eu tambem lhe perguntei o que e que elle andava a fazer por Hespanha? Ando á procura de um meu irmão chamado D. Alvaro de Mello e Castro que fugiu de casa a 10 annos com um seu professor chamado Antonio

de Mascarenhas.

Visto isto não havia que duvidar
que aquelle era o meu irmão mais
novo que quando eu fugi tinha
10 annos e por isso agora tinha
20; então eu disse-lhe: Pois fica
sabendo que o teu irmão D. Al-
varo de Mello e Castro sou eu que
estou n'esta vergonhosa pozicão de-
me então noticias de meus pais.
- Já que vós sois meu irmão sabeí que
meu pai anda tambem á tua procura
e a estas horas já deve estar á minha
espera. D. Alvaro queres tu vir comigo:
- Quero sim meu irmão respondi.
Nesse mesmo dia partimos ficando
os outros a seguirem a mesma profissão

passando o Mascarenhas para 1.^o capitão o Franco para 2.^o e um outro ladrao para tenente.

V

Quando chegamos á nossa casa já o nosso pai estava lá; imagine-se a alegria que elle teve quando me viu. A minha chegada foi celebrada com muitas festas e d'hi por diante não poderemos ser mais felizes.

Aqui se acaba a hestoria de P. Alvaro de Mello e Castro.

2.^a feira 18 de março 1901

4.^a feira 22 de janeiro de 1902

II - O Espectro

I

Na cidade de Évora andava todo povo agitado em vista das enormes contribuições que tinha lançado o governo hespanhol.

Era em 14 de abril de 1634; Quando se acabou o dia 14 tudo socegou para continuar no dia seguinte. Ora aconteceu que um certo homem chamado Bernardo da Silva tinha-se recolhido como ~~povo~~ ^{povo} todo.

Foram as 12 badaladas da meia-noite mas qual não foi o seu espanto quando sentiu um grande rumor e appareceu um espectro que lhe disse:

Esta tentativa de emancipação é peor para vós pois que o governo de Hespanha

ainda ha-de lançar maiores contribuições em vista do que fizeram. Ha-de haver uma revolução em 1640 que ha-de ter bom resultado para os portuguezes pois hão-de recuperar Portugal e quem ha-de ser aclamado rei e o duque de Bragança D. João. Por isso Bernardo da Silva aconselhou que não tomasse mais parte nesta sublevação. Edito isto desapareceu.

Assim que rompeu a aurora Bernardo da Silva deu parte ao povo do que lhe tinha dito o espectro. Como era de ver o povo não acreditou no Bernardo da Silva por julgar que tinha sido sonho d'elle. Mas o Bernardo não tomou mais parte na sublevação

II

Estamos no anno de 1640a 1 de dezembro

o dia niera esplendido, tomando
os conjurados isto por feliz augurio.
Maior parte dos fidalgos entram em
esta conspiração. Até as senhoras most-
ram coragem pois que D. Philippa
de Vilhena condessa d'Albuquerque e
D. Mariana de Lezastre armaram por
suas proprias mãos os seus filhos, D. Geronymo
d'Altaga e D. Francisco Coutinho da
primeira e Fernão Cellos e Antonio Cel-
los da Silva da segunda.

Toaram as 9 horas abrem-se de subito
as portinholas dos coches abrem-se e sal-
tam para elleos fidalgos arrebatada-
mente. Seguem-nos de perto os outros confederados
e sobem de tropel as escadas do paço e matam Mi-
guel de Vasconcellos secretario da duquesa de Mont

que se tinha refugiado em um armário
 e ao grito de liberdade!! liberdade!!
 o povo de Lisboa efureceu-se contra
 os espanhóis e venceram os portugueses.
 Depois de algumas batalhas de que os
 portugueses venceram acentua-se a paz
 entre Portugal e Espanha.

III

Quando chegou a Évora esta notícia
 Bernardo da Silva disse para os que tinham
 tomado parte na sublevação de 1634:
 Então já não que sempre sêrão certo o que
 o espectro me disse

Mário de Sá Carneiro

20 fevereiro 1902.

I

Não, não pode isso ser verdade porque já tenho dadas as mais cluras tratosa imaginação e todas tem sido vãs

— Pais a não temus acontecido o mesmo.

— Nesse caso porque é que teima que o documento deve estar escripto em hespanhol e não em portuguez.

— Lá isso é verdade porque eu tanta razão tenho para dizer que está escripto em hespanhol ~~como~~ em portuguez. Bem senhor D. Antonio de la Benda eu nome embora porque não estou bem se não a ver se descubro a cifra do documento.

— Então adeus senhor D. Manuel Costello Blanco.

II

Era este o decamento de que D. Antonio
de la Ronda e D. Manuel de Cas-
tello Blanco.

- Já descobri o...

- Que me diz!?

- Sim já descobri o meio para adivinhar o documento mas desgraciadamente é o quasi impossível porque para o decifrar é preciso uma grade a qual nós não possuímos. O senhor sabe o que é a grade que serve para decifrar os documentos?

- Olhe se quer que lhe diga não sei.

- Pois eu lhe explico: No nosso documento *e* em todos da sua especie, por exemplo o *s* vale o *s* e não qualquer outra letra mas é preciso a grade que é um papel esburacado que se justapõem á contendo do bilhete de maneira que ~~III~~ precisamente as letras

Que se devem ler e' que se vêem.
 - Pois raiva - me agara a esperanza
 porque na gaveta em que se encon-
 trou o documento estava lá um quadra-
 do assim escurado ~~co~~ senhor diz.
 - Pois então vá imediatamente busca-lo
 - Já se vê. Adeus. até já

II

Em a noite de 17 de janeiro de 1840 depois de
 D. Francisco de menezes sair da sua casa acunet-
 teram-no e roubaram-no deixando-o muito
 maltratado. O crime novo nunca se descobriu mas
 passado alguns annos cahiram as suspeitas em
 um fidalgo chamado D. Cezar de Albarca-
 nhas. Quando morreu esse fidalgo deixou
 no seu testamento para desvanecer as sus-
 peitas pois que elle não tinha herdeiros

deixou a um primo de D. Francisco
 Menezes seu antigo amigo como lembran-
 sa 2 afinetes de brilhantes e 1.000 r\$ em
 moedas de ouro antigas as quaes caixas
 estavam em uma caixa que estava dentro
 d'uma gaveta. Foi o proprio D. Ehedoro de
 Menezes primo do falecido (D. Francisco de
 Menezes / n'esse tempo já tinha morrido D.
 Francisco) e quando foi a tirar a caixa
 de repente abriu-se uma tampa que era um se-
 gredo e o dito D. Ehedoro de Menezes viu
 lá um bilhete em cifra e uma grade
 que elle não sabia fangue serviria. Assim que
 viu o documento levou-o logo ao senhor
 Alvaro de Mello que era decifrador de
 enigmaas e bilhetes em cifra. O documento
 era este:

O r a e u o
 m e u a h f
 o o d t i d
 f o w e r r
 d a q n i d
 e e o t i i
 s y e e o e
 s d s e s e
 o y a e a u
 r m r e l l
 n n u h d d
 a e e m a a

III

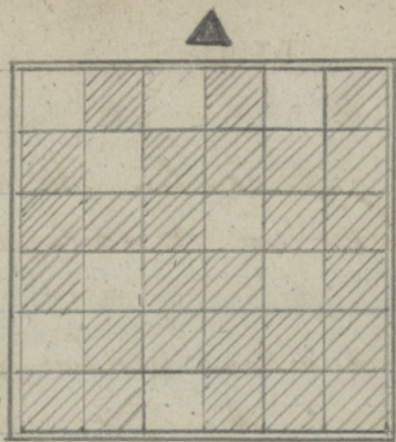
- Cá está a gra. senhor Nello.
 - Agora deixe-me v. s. h.oria decifrar
 o bilhete.
 - Cá me vou embora senhor Nello;
 olhe se decifrar o bilhete mande-
 mo
 - Está visto senhor D. Eheadoro.

IV

Era esta a grade: (1)

(1) Os quadradinhos brancos representam os vazios e os
 outros a superfície cheia.

25



Alvaro de Mello escrevia discipulos que
era agustan logo a grade na bilhete (a
qual só cubria as 6 primeiras linhas e obtien
Logo este resultado collocando de maneira que
o trianglo ficasse para cima;

26

θ α η

c

t

o

z

d

o

e depois mirando o triângulo para o lado
direito o seguinte

z

o

u

u

o

d

e

q

u

mirando o triângulo para baixo o
senhor Mello obtene o seguinte

l
v
o i
w
i
c t i

Depois mirando - o para a Cada esq
ndo isto

m a
d
if n
a n
c i

então como era natural o decifrador aplicando a grade as 6 linhas restantes e mirando o triângulo como tinha feito para decifrar as primeiras 6 linhas o sr. Mello com grande contentamento obtene os seguintes resultados:

(▲)

s	c	o
	d	
		e
	m	e
n		
	e	

29

h

h

s

s

o

u

(▲)

e

u

d

c

e

h

a

r

d

e

m

a

(▲)

s c
 a
 (▲) n e
 m h
 a o

Feito isto o sr. Alvaro de Mello juntando as letras obtene o seguinte:

O auctor do roubo de que foi vic-
tima D. Francisco de Menezes sou
eu D. Sefar de Mascarenhas.

Bem disse consigo Alvaro de
Mello vou ja dar esta nova
a D. Eudoro de Menezes mas quan-

do elle ia a shair lute~~ra~~ a porto
 um criado de D. E. hadero que vinha
 da parte do seu patrão entregar ao
 sr. Mello outro bilhete cifrado
 da mesma procedencia. O sr. Mello
 ja se shair e foi tratar de o
 decifrar. Era este o bilhete:

Uemmas	I naldi	Mrepma
Ectuee	Woepe	Geolr
Dnaote	Aa Andr	Le emyse
Opocim	Dnaato	Oelssd
Aeundm	Orreore	Nierna
"Ged'ira	DanD ⁽¹⁾	Etaair

(o resto do documento encontra-se)
 (na outra pagina)

(1) Todendo-se confundir com um r achamos expinente qdigo

Eioiax	Ahdgaa	E Essel
Nooapn	Uarnen	18nydac
Ohpgoi	Neinet	Baltrcl
Oupsei	Emleso	Aallent
Pravam	Erdelc	E rekkina
Urethu	Teuero	E pka1560s

34

35

36

37

38

5

1^a parte

I

- Já, já e imediatamente...
- Mas senhor conde.....
- Cale-se. Não quero ouvir
 pio, quando não vai já para
 a meida sua.
- Bem cá me vou sr. conde.
 Este diálgo foi fallado
 entre a madre conde de
 S. Francisco e a senhora
 do João. O conde tinha man-
 dado a senhora com uma
 carta a mulher do Duque
 Augusto de Villar do
 Rio, seu amigo.

Como se, me isto a presen-
 tação pigas para si e tam-
 bem para o partador e portanto
 o criado queria fazer obsequios,
 mas o conde é que não sodd-
 metria do goa e por isso o
 goa se tem que levar
 a carta.

O Sague era muito ciimen-
 to e estava quasi sem-
 pre em casa, portanto en-
 tregar uma carta ^{a sua mulher} era obra a-
 difícil, e difficillima para
 goa que não tinha nada
 de astute.

Shain o criado e por-se a
 matutar no caso, pensava

como havia de entigui-
 tal certa. Se não a ento-
 gasse era posto fora da
 casa do condel; ora isto
 não lhe convinha porque
 em sua casa podia ou-
 nada havia que fazer, os
 ordenados eram bons e além
 d'isso dava bastantes grossos,
 comida apertima e farta,
 quanto a bebida idem. Mas
 entrega-la como? pensava
 o pobre João; aí se en-
 encontrava o seu amigo
 Antonio, erido também, tal-
 vez pudesse, mediante alguma
 recompensa, ^{ele a entregaria pois era negro e velho} restaria tudo.

arranjado. Acha-se
 de fazer estas reflexões
 quando esbarrou com
 Antonia. Tinha-lhe
 bons dias não eram logo
 a fala a respeito de
 Carter, encarregando-se
 do recado a Antonia, sen-
 do-lhe já pagando.
 E he lá a jantar e vinha
 nesse dia, pois elle estava
 sempre pago.

II

Era sumptuosa o palacio de
 Duque Augusto de Villar do
 Rio. Até os quartos das
 salas eram tapetados. Tinha

Casara Olinda com
 elle, obrigada por seus
 paes. que se mesce-
 ralharam com tanta
 riqueza. Olinda pra
 mulher e ~~se~~ mas não
 rica. ~~ella~~ ~~diz~~ ~~em~~ ~~que~~
~~sabida~~ ~~se~~ ~~ella~~ ~~diz~~.

Poucas pessoas ~~fo~~ ~~to~~ ~~tinha~~
 entrada na casa da
 Duque; Entre ellas via
 se o conde de S. Francisco.
 ella diz em que se não passar
 os successos que não narrar
 estare o Duque ~~ei~~ ~~menta~~
 mais que os costumes pois
 estando elle com sua mulher

a janella, um trasuato
 atrevera-se a levantar
 os olhos para Olinda. ~~Tai~~
 D'hai D'api ralho de
 parte do sangue e choros
 da cor fuguesa; ~~portanto~~
 era ainda mais difficil
 a incumbencia de An-
 tonio, mas elle era
 esperto, esportissimo.

III

— Olá por aqui, sei Antonio
 dos fugias. Então como passa
 no ce?

— Mal e bem mal Asualdo
 o znr. barba de Castro
 fez-me o favor de

me por no alho da
Pua. A preposita, não
saberes tu de alguém
que precise de criada?

— Olha, chegas a boca
baixara sabes porque?

— Eu não.

— Eu não te digo.

« O meu ama é ciumento
como o diabo e apesar
de estar sempre em casa
para guardar sua mulher
têm sempre um criado
fidelíssimo para a guardar
ainda melhor. Ora tu tens
despedido o que ~~estava~~ estava
eu por ter suspeitas a seu

respiro e o lugar que
 te aprecio e este que
 me parece e ser mais
 que competente para ti
 por ~~pareces-me~~ pare-
 se-me que es fiel com
 um cão.

- Fide'lli'ssissimo.

- Bem da d'us te aprecio
 ao fugir que tem confian-
 ça em mim e até me
 falou para eu arrasar
 crincho. Vamos falar
 com elle; anda cá para a
 cima.

- Vamos - los rapazes com
 seiscentos o alvos.

— Senr. Sague, da licença?

— Entre Arnaldo. O que
é que tra? fa arranjos - te
criado?

— Saiha o sr. Sague que
parece-me que sim, e se
a quizer ver elle está
alli.

— Que entre.

Arnaldo sahio mas reap-
pareceu trazendo com
sigo Antonia.

— Saiha n. es. que é este
o criado que eu arranhei
— a tegrada - me de tua
physiognomia. Como te chama?

- Antonia um criada
do sr. Dague.

- Fica-me ao ~~seu~~ serviço
quanto queres, já não?

- Não falamos n'isso
sr. Dague.

- Esta vem quanto a isso
estão quite não des-de
queiscor. O meu mordão
que te ensine o que
tens que fazer. Anão
do leno o Antonia ao
sr. José de Castro.

Sapream. Agora vamos
intencioar o leitor no
gabinete. E a mordão
me.



- O que és tu meu
 fuz da Capia Beta.
 E como neg Antonio
 meu amigo e antigo
 companheiro. ~~A~~ Já sei
 que vais ser carcereiro
 do pobre da D. Olinda.
 Como tu és meu amigo
 e tu meu mente próximo
 de algumas coisas:
 O Fidalgo hade ~~te~~ espi-
 mentar a tua fidelidade
 simulando, que vem cartas
 para sua mulher, espa-
 chando a Dinheira por alguns
 sitios etc. e se cahes em algu-

na esparrela e es logo
posta fora, e....

- E... o que?

- Quando os rezes elle
os não mata an os
faz passar tormentas. e tan-
de-lho-te tam bem que
nem faças nada sem
me avisar.

- E está bem. Quando
principia a desempenhar
as minhas funções?

- Hoje mesmo.

- ~~Está bem~~ ^{Então} Não buscar
a minha roupa e pronta
ca está a servir de carcereiro
para o sr. D. Deolinda.

— O linda, O linda homem
 — Esta bem isso e o
 mesmo, e tens até hoje
 e omittissimamente obrigado
 pelo que me disseste.
 — e tens

VI

— Então que ha men querido Antonio?

— Ha, que corre tudo as mil
 maravilhas. Ora faz ideia
 que o men nous parlat
 e o Duque A gosto de Villar
 do Piro.

— O que ??!

— E verdade e ~~portanto tanto~~
 e ainda não sabes o melhor

que é que o meu emprego
em casa do Duque é o
de criada, carcereira para
melhor dizer da snr. D. Maria
da

- Que me dizes?

- Óbiso então. O tanto
paso entregar - he até
quinte mil cartas se for
preciso.

- O meu querido amigo
o meu agradecimento ha-
de ser eterno. Vou
gfi contar toda a minha
história, mas não me can-
ço - te a ti.

- Obrigadíssimo. Vou fazer a mal

V 11

— Ora, ora não és capaz d'isso

— A finço-te que sou

— A amante apertada?

— O meu castello.

— A portado.

— Dentro deis ou trey mezes
serei amante de Olinda mi-
lher do Duque Augusto.

Este dialogo foi trocado
entre o Conde de S. G. Terancia
e o irmão de Castro se-
patrão de Antonio, dois dias antes
dos successos que acabam de nar-
rar. Como se ve o Conde
tinha apertado o seu cas-
tello e por isso que se não

o na 1.^a capitula a
montado que elle
tinha que a parte
fosse entregue. B

Barão de Castro era
um homem man-
era um fidalgo trai-
dor como a diante
se verá. Conde de
S. Francisco era
um moço bom aidi-
da que estannado.
apesar da treição, trai-
ção ~~que~~ de que a tem-
po se tratará nem com
a conde de S. Fran-
cisco e a festa.

Se havia de Casto
 respectin Antonio
 isto foi um estorag-
 ma, pois que Antonio
 andava combinado
 com elle para fazer
 com que o conde
 perdesse a aposta e
 se não a perdesse
 por que Antonio era
 liad.

Mas agora repara esta
 fazer commentos fora
 da novella, romance
 historia, ou que o facto
 e.

Avante! siga o conto.

VIII

- Então João?

- A' sr. Conde corre
tu o melhor que afitas
imagina V. senhoria que
tenho junto de D. Olinda
um homem que pode
entregar todas as cartas
que o sr. conde quizer.

- O que?

- Mais é verdade.

- Obrigada, obrigadissima^{mo}
meu caro João. Toma tu
para ti este dinheiro

- Muito obrigada sr. Conde.

- O sr. conde escrever uma
carta para ser entregue amanhã

IX

A credite minha senhora
que se com de ama. Dona
que tem a anhuia meda
do seu marido. Ante
leia a carta.

Dizes bem Antonio, ~~essa~~
que me empurta enge-
ner meu marido. Dai
cã a esorta, Antonio.

Oronto; Cogo ni que havia
de seber.

Olinda leu a carta e respu-
du. A correspondencia ~~continua~~
continua por muito
tempo, ate. que se assenta
que fugiram os dois.

A fuga estava assim
 combinada: ~~de noite~~
~~as 11~~ a meia noite
 quando o fogueiro
 mia o linco desceria
 por uma fenella para
 uma carroagem que
 estaria lá. Como se
 não o entredos do rapto
 era dos mais simples.

X

Sr. Conde tenho grandes
 negações a tratar com
 o sr.

- Ditos - la men Antonio
 - Se o barão de Castro
 me despediu isto

foi esta tagima que
 era para eu arranjar as
 coisas de maneira
 que elle podesse trahir
 o senr. Candé. Ora
 eu não desejo trahir
 e por isso venho com-
 binar com nossa ~~senhor~~
 ria que o rapto não
 amanha mas sim
 hoje porqu~~e~~ eu te-
 nho que dar parte
 ao barão do succedi-
 do e portanto diga-
 lhe que amanha sera
 o rapto, mas com effe-
 to sera, hoje. Assim

ganhámos tempo que
 é o que é preciso
 - Antonio que o barão
 era um traído - eu
 eu sabia mas que
 era capaz de fazer
 tal coisa e que
 eu não julgava.
 - Não sei como te
 ha de pagar tan-
 tas coisas. Obrigada
 pela menção, mais
 vezes obrigada a Antonio.
 - Bem agora um
 aos meus afazeres. Sempre
 os abraço de sempre. Com o
 - Adios meu rapaz.

X1

— Arnaldo, o Arnaldo

— O certo sr. Duque.

— Vá lá chamar o Antonio.

— Sim sr. Duque.

— O Antonio o Duque chama-te.

— Bem já lavar.

— O sr. Duque chama?

— Sim, o sr. Duque precisa-te
 dizer que amanhã as 11h
 morto o conde de S. Fran-
 cisco vem raptar o sr.
 D. Olinda.

— O que? Só a raptará
 se passar por cima do

men cada um, que
 lembra ~~que~~ o a que
 eu dan-lhe bilhete
 para o outro mundo
 com tres ou quatro
 punhaladas no seu
 corpo infame.

— É o que dirão Santo
 Nome. Deixa estar
 que n'essa noite
 todos os men, criados
 vão de ficar a pé
 — sem ^o ser preciso.
 o sem. O que não deseja
 mais nada de mim
 — Não. Não se ir
 embora.

8 XII

Por aqui sua D. Olinda
 - A Sen. Antônia, obrigada
 por tudo
 não a de que senão D. Olinda
 e ela lá não cahui a
 desce a escada.

- Não ha mais.
 Olinda já não estava
 em casa da tua. Tu que
 a fizeste desgraçada? Não
 viste que ~~era~~ um a cão
 infame traíçoso o marido
 mesmo sendo elle um tyra-
 no. Que a maldição
 cahia sobre ti e não sobre
 os teus raptores. Esses que

Deus-lhes perdão
se mercem perdão.

XIII

- Estais preso daquele
- O quê! Fagim-me mi-
nher mulher esta noite
e aí da para mais sou
preso. Mas por quê?
- O tribunal a saberá
- Como não terão ~~nenhum~~
nenhum crime não alti-
no para o tribunal
- Estais pronto para me
acompanhar.
- Estou.

XIV

- Senhor daquele honra

denuncia de que tra-
manas - uma conspi-
racão. Olhai que é
melhor confessor.

- É que m^{to} são os denunciantes.
mer cões elles creditos?

- Cherecem - no:

- E quem são

- O linda sua mulher e
o nobre conde de S. Fran-
cisco.

- O! que grande infamar
tudo isso é mentira
minha mulher é uma
infame. Atida a cha-
ponco atriçcar - me
com esse nobre conde, e

por isso tenta perder-
 me. Se a accusação
 for verdadeira não
 mas para a mais ~~seja~~
 falsa, falcissima
 e atroz. Dan a
 minha palavra de
 fogue que tudo
 quanto disse e
 verdade; e aquellas
 que me acreditam
 que nemham dar
 castigo aos traidores!
 — Aos traidores! Brada
 a marinha da Am-
 bitario. Aos traidores
 murmura ainda o echo.

2^a parte.

I

— E por aqui, por aqui. Cuida-
do! Ochem que a rio-
nal por ahís. Sr. Duque
por aqui. Vêa lá não
cabe avião...

— E não há prigo men-
rasas.

— Sr. Duque já se amís-
tam as luzes da
aldeia.

— Animo! rapazes lem-
brem-se que vamos punir
Seis gran des traídores. A-
vante. Já tomamos
a estrada d'aqui e

meia-hora estamos na
aldeia. A mimo meus
valentes.

II

- Precisamos de quartos
de logar para os cavallos.
- Arranja-se me
senhor mas elle que
nao são os melhores
pays esses estão tomados.
- Não faz mal. Qual
é o custo d'elles?
- É o que a fidalga
quizer.
- Dize-lhe então que se me ser-
vir bem chack receber
boa paga. Queremos

comido e n'um dos
quartos suas camas.
O fantez cremo-lo
servido no nosso
quarto.

— Vou já dar ordens
para tudo se fazer
como o fidalgo despi.
O leiter já por certo
percebeu que as saas
chegadas eram a Enc.
de S. Francisco, D. Inês
e Antonio e João os que
vinham fugindo para
se esconderem das
irras do Ingle. Pensei-
nham in embarcar

para o novo mundo
e lá viverem pois
entenderão ser essa
parte da terra a me-
lhor para se esconde-
rem ..

III

- Precisamos aumen-
tar para esta gente
toda.

- Men fi'dalge para
o si dimais alguns da
sua companhia e da
se poderão arranjar mas para
isso é completamente im-
possível, mas da outra
luzem na terra.

ou de os restantes
se pudessem alçar.

— Não não quero
senão que fiquemos
todas juntas e por isso
não bater a outra porta.

IV

— Meu capitão esta noite
fazemos uma boa
expedição; imagine que
as tuas estalagens estão
capinhadas de fidalgos. Os
dois estalagadeiros já es-
tão combinados. O roubo
deverá ser as 11 horas.

— Está bem. Vou pôr as
ordens para se preparar tudo.

V

Os ladrões quasi que
a civilisação já os es-
traminou de todo. Que
tempo houve aquelle
em que se não podia
negar sem se levar
armas. Multes negs
era assaltados as caran-
yens ~~foram~~ negantes ~~em~~
~~foram~~ eram mortos depois
de substituídas até su-
fato. Que por isso tem-
passess em que as
estradas não offereciam
segurança nenhuma. A
gora não se se como

damente quer em
caminhos de ferro
por por mar. Mas
santes...

A garça vai o leitar
presenciar um roubo.
Mas suas estalagem a
que a trag ~~se~~ refre
tudo Salina. De repente.
Sente-se um grande
barulho. Com os ladrões
que tinham entrado nas
estalagens. Os hóspedes
apanhados de improviso
não se puderam defen-
der e os que não mor-
ram ficaram mortos.

Na segunda estalagem
 foi mais brava a
 resistencia pois nella
 estava o Duque de
 Villar de Oiso nosso
 chonheiro, mas por fim
 venceram os latrões.
 Dos homens do Duque,
 que não morreram, ficaram
 somente tres que como
 o Duque ficaram sendo
 prisioneiros. Na primeira
 estalagem só morreram dois
 pois os outros se entregaram.
 O que é o destino! Com elle
 os prisioneiros tornamos a ser
 o Duque, o conde e o linha!

- I mr. conde de S. Fran-
cisco, nós somos inimí-
gos de clardos, mas a-
pesar d'isso pagar lhe
o seu resgate mas não
o de essa mil e infame
Olinda pois sei que
não tendes dinheiro
- Pois duque prefiro
ficar aqui toda a vida
do que deixar Olinda
aparrn neste covil de
lacrões.
- O que tudo. - Disse Olímpia
aparecendo de repente - O que
senhor conde uras am

liera pois eu fico
com a capitão de
ladroes ~~que~~ de quem
gostabem mais da
que ti. Ide - nos embora
que mesmo se puderem
nao te acompanhar
na.

- O que dizes mulher?
Desse que profriste
estas palavras não
seus nem eu nem
ti, ~~mas~~, a capitão não
portanto não lancear
fogo ao paiol e todos nos
morreremos.

O uniu - se com estam.

p'ra o mecenho; tinha
 sido a ~~casas~~ das
 la, a toca das ladões,
 que ~~tinhas~~ ^{fora} não
 existia, por meio
 da sepultura da pairol,
 sepultando consigo.
 O duque ~~Augusta~~ de
 Villar do Oiro, O conde
 de S. Francisco e em
 fim todas as personagens
 d'este conto.

FIM

Marcelo

26-1-903

79

80

 Canario 

A rainha de campo da
 Marquez era esplendida
 Radiava - a uma linda
 mata onde elle ^{ta} cagar.
 Um dia sentiu um lindo
 cantar mas sem
 saber donde provi-
 nha. Continuou o
 canto por muitos dias
 e n'um o Marquez viu
 que elle era d'un canario.
 Mandou logo agarralo
 e metello n'uma gaiola
 mas o canario ja nao
 cantava. O Marquez aborrecia-se

saltou - o e elle
 continuou logo
 a cantar. Ora o
 Margriez era casado
 mas vivia muito mal
 com sua mulher e
 nunca se deixava
 sair pois dizia que
 uma mulher devia
 sempre estar em casa
 mas desde que viu
 que o canario livre can-
 tava e preso não deixava
 sua mulher sair,
 vede como ^{por causa d'} um passarinho
~~sua~~ mulher adquirira a liberdade
 27 janeiro - 1903 O. L. Netto

O bai

Maria era uma linda
 camponeza. Sua
 madrinha tinha
 lhe dado um bai
 de quem ella gostava
 muito. Um dia
 seu pai envolheu-se
 n'uma desordem
 e para o saltarem
 era preciso pagar
 20 mil reis. Onde
 arranfalos? Eu vendendo
 o meu querido bai
 e vendendo para salvar
 seu pai. Ora Maria
 chorou e namorada

por um rapaz, mas
 ella não gostava
 d'elle. Torem o rapaz
 e que compran o pai
 e depois deu-lo.

Desde esse dia Maria
 gostou muito do Manuel
 e casou com elle sendo
 sempre muito feliz.

Vede como um pai fez
 com que uma filha se apaixonasse
 não gostando de um rapaz
 ficou gostando e casou
 com elle.

Henri Salomons

24 janeiro - 1903

85

Na antiga aldeia todo Seseango
 Tinha um ^{ente} que não dormia
 Cadeiras que amana
 Era a tia Maria que fiava, fia

^{velha}
 Na antiga aldeia todo Seseango
 Foi tia Maria fiava fiava

Tiana, Tiana para criar
 Um neto que tinha e o sustenta

O neto era bello.

Era filho duma filha que tinha e
 de Antonio de Mello

Euzou jo ga dor de porta
 Ca' o melo e' garetiro
 Q' nem com elle não s'importa.
 So' ^{ex. meo mantigueiro} eu que sou mantigueiro

Somos três tipos ladinos
 Trê, trê, gafões
 Somos três tipos muito finos
 Trê, trê, tipos

So' depois de hora das
 Entra p'ra aula ligeiro
 O meu costume e' faltar
 E meu... e ser mantigueiro.

O' patria, O' patria amada
 Recebe os filhos teus
 O' patria idolatrada
 Recebe ~~o~~ ^o a cada
 O' patria a deus a deus

O' patria, e' patria amada
 Recebe os ~~os~~ meus
 e' patria idolatrada
 Para sempre Sigo a deus

O' patria e' patria q
 O que em te despo' patria
 E' q'he não te succede mal
 E que ^{filho} cria muitos homens
 Como o maguiz d. prindan

E que os reis por ti eleitos
 Ditem mui boas leis
 E se segun por assim dizer
 Outros principes perfeitos

O patria, a patria amada
 Reche o meu coraço
 A Deus patria, a Deus patria
 O patria da coraço

A patria a boa patria
 Reche o seu coraço
 E estimam sua morte
 Pais perden um Cicão

O mar, esse espaço largo

O mar esse espaço largo

O rumel que se enche e tenebroso

Mata-me n'um instante

Oente que me cantava mar e gozo

Era bella entre as bellas a minha ^{amiga}

E o mar esse mar horrendo

N'um instante a fez em nada

Mas tambem lhe noticiou o tremendo

A minha querida Ester é morta

E eu me deus n'este mundo ^{caído}

Mata-me que a morte não me importa

Deixa pela agora ou pelo fogo não a tem



Chi se munda com penitencia

&

Era nite de festa

Hnia dore concas das margues
 tudo &

1^o

E' mei-noite, e' o baile

Tudo fala e tudo dança

~~Até o pobre~~ a aradar

a este, por também

Ja dorme e ja descansar

~~Vem ao o pido~~ go

~~Em se rir e~~ sinestio

~~Enquanto~~

Pensam: O fidalgo ~~com se rir e~~ sineste

Enquanto eu o fidalgo se pensa
 E quer folgar
 O pobre do lavrador
 Gasta o tempo a trabalhar

2.^o
 O Fidalgo ^{perde} gasta o tempo
 A rir e também folgar
 Enquanto que o lavrador
 Aproveita o a trabalhar

3.^o

Dorme o Fidalgo em fofa cama
 Em somno subresaltado
 E em talhaas o lavrador
 O serve mini se cansa

E meio giro. Na cama
O Fidalgo esta a almoçar

E meio dia na meza
O Fidalgo esta a almoçar
Orem em sua quinta
O lavrador a jantar

E / hora em palácio
E meio dia no palácio
O Fidalgo ^{seu} ~~está~~ almoçando
Em sua nobre casa
Mas ~~foram~~ em sua casa
O lavrador fu jantar

96

4^o

E' mais dia em palcio
Está a p' salgo a almoçar
Emquanto go o levisior
Fá o cabu de fantaz

Claria bella, se dictum, meum
 Quado e mi, ha fu meus d'ama

~~A mãe que os filhos ama~~

Essa é a noite de Natal

~~Estão contentes meus filhinhos~~
 que se não fizeram mal
 E não sabem que os manha
 Terão aos cento e quarenta

Essa é a noite de Natal

~~Estão alegres e frequentes~~
 Os ^{seus} que amanhã
 Terão aos cento e quarenta

É mesera de nadas
 Estão allegros os pequenitos
 Pois sabem que n'essa noite
 Jozus lho dará humitos

Vão-se saltar os Anjos
 e as nem dormem e contes
 Pela pelas 10 horas
 e a chorrem
 que dormem os em contes

A cardam da manhazinha
 É perguntam a criada
 Se Jozus lhe não deu nada

D. eu - lhes sim muitos bonitos
 Lhes diz a boa criadota
 Que se querem brincar digam lha

Esperava-se Natal

Estão alegres os pequenitos.

Os sabem que n'esta noite

Jesus lhes dará bonitos

2º

Vão-se deitar os lindinhos

Mas nem dormem se contentes

Os põe lá pelas 10 horas.

A dormessem os inocentes

3º

Preguntam a crida

Quado acordam se mantêm

Se Jesus lhes não deu nada

Deu-lhes sim / muitos bonitos

Responde a boa crida

Então que não tem nada de bom logo a quem

Quia

Deu - the sim. mult. as brunt

Logo entaw de brunt as frequen⁴

4

Deu - the sim. mult. as brunt

Entaw cimo - nos levant as

Digam logo as frequen⁴

O seu carregado de munas e flocos
 e chuvia na rua fazendo encharcadas
 Levas andando sobre mentes

A tempestade é horrível
 Não há nada mais medonho
 É até mesmo impossível
 Que Deus sonhasse verne

A tempestade é horrível
 Não há nada mais ~~terrível~~
 Parece até impossível
 Um espectáculo tão medonho

et tempestado é do inferno
 Pois se Deus não pode ser
 A tempestade do inferno
 Pois no céu não a pode haver

~~De Satanaz é a porcelha
 Pois se Deus não pode ser
 Que me em não cadese
 Tão medonha como ella~~

É de Satanaz a Porcelha
^{que} ~~Pois~~ se Deus não pode ser
^{uma} ~~Pois~~ coisa como ella
 Lá no céu não pode haver

Vienna rez uma tempestade
 Tempestade e teu leonine
 Que fulgo que não ^{he} mais
~~Doce~~ ^{Doce} assim tu huminel

Que espetáculo tu me dizes
 Tu huminel tu tristemente
 Assim porcella
 Que quero ver

Oigo perfeito então morrer

Carlos	Antonio
Antonio	Alberto
Raphael	Thomaz
Luiz	Otávio
Otávio	Barroso
Samuel	Isidoro
	etc.

Fosquinhos a porta fgo
 Antes de entrar mto' antro
 Eu cá fulto e não me majo
 Eu então ... com manteiguera

Levo a água ao meu moinho
 E também eu, mas não com
~~mais eu, o gaiteiro~~
 Segui ^{um} de outros caminhos
~~Também eu, o manteiguera~~
 Faz o mesmo o manteiguera
 Mais eu por outro caminho
~~O qual é um ser gaiteiro~~

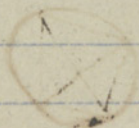
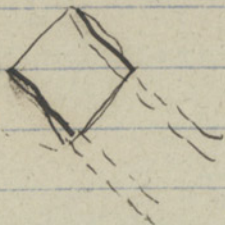
106

107

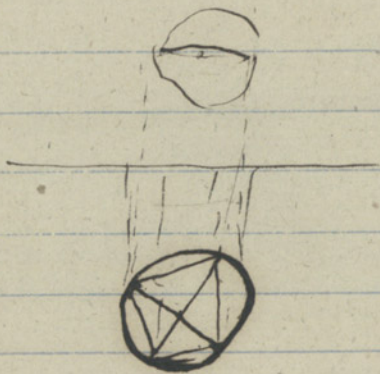
108

109

110



///



112



113

114

115

116

117

118

119

120

5421

1904

122

Dia 30 de Janeiro

Ao ex.^o Sr. Augusto de
Sa. Mulume - T. do Carmo 2.^o 3.^o

Recelhi:

~~Augusto de Sa~~

Ao ex.^o Sr. Felisberto Antunes,
Mulume - R. do Carmo 3.^o 2.^o

Recelhi:

Felisberto Antunes

A ex.^a Sr. Felisberto Augusto Guerra
Arco Mulume - T. da Calmeira 2.^o 1.^o

Recelhi

Felisberto Guerra

Compromisso

Andréo Felipe

1904

123

Dia 30 janeiro

Ao ex.^o Sr. Felisberto de Souza
 1 volume — Anemola da Liberdade de 2.^o
 Recife

~~Felisberto de Souza~~

Ao ex.^o Sr. — Antonio de Mello
 1 volume — Junqueira 3
 Recife

~~Felipe Antonio de Mello~~

Ao ex.^o Sr. Leonardo de S. Aguiar
 1 volume — Christo 15, 2.^o
 Recife

~~Leonardo de S. Aguiar~~

Ocampregado



✓ 24

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

15

12

20

15

18512
6010

185

137

[Página 137 a 206 em branco]

206

N50/6

